



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i2.1344>



Memórias por meio do vestuário: lembranças de mulheres nos anos de 1980, Pelotas/RS

Laiana Pereira da Silveira*

ORCID iD 0000-0001-8506-5230

Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Pelotas, Brasil

Francisca Ferreira Michelin*

ORCID iD 0000-0002-4737-323X

Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Pelotas, Brasil

Resumo: Este artigo propõe apresentar o vestuário como suporte de memória mediante a análise de conteúdo aplicada a relatos orais. Baseado na perspectiva de vestuário como fenômeno social (Crane, 2006), signo urbano (Volpi, 2014) e nos processos memoriais como reconstrução do passado no presente a partir das lembranças. As análises de conteúdo foram feitas por meio da codificação e categorização temática apresentadas por Bardin (2004). Por fim, além das relações traçadas com as entrevistas, evidenciamos essa materialidade como um ponto de acesso memorial ao passado.

Palavras-chave: Vestuário. Memória. Entrevistas. Cultura visual. Pelotas.

Memories through clothing: women's recollections in the 1980s, Pelotas/RS

Abstract: This paper proposes to present clothing as a memory support through content analysis applied to oral accounts. Based on the perspective of clothing as a social phenomenon (Crane, 2006), urban sign (Volpi, 2014), and on the memorial processes as something reconstructed in the present from the memories of the past. Content analyses were done through coding and thematic categorization presented

* Doutoranda e Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e Tecnóloga em Design de Moda pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Visconde da Graça. E-mail: laianasilveira@gmail.com.

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe). E-mail: fmichelon.ufpel@gmail.com.

by Bardin (2004). Finally, in addition to the relationships drawn with the interviews, we highlight this materiality as a memorial access point to the past.

Keywords: Clothing. Memory. Interviews. Visual culture. Pelotas.

Considerações iniciais

Este texto parte de resultados obtidos em uma pesquisa que investigou como as mudanças que se anunciavam em um período de transição política no Brasil, quando hábitos, costumes e valores novos passaram a ser repensados, constituíram elementos de expressão para um determinado grupo de mulheres que vivia em uma cidade com perfil notadamente conservador, no sul do Brasil. A cidade de Pelotas, situada na parte sudeste do estado do Rio Grande do Sul, surgiu em decorrência da indústria do charque (carne salgada produzida por secagem ao sol). Estas fábricas, chamadas charqueadas, foram implantadas no final do século XVIII e geraram a economia que fundou a cidade e, sobretudo na segunda metade do século XIX, que respondeu pela riqueza de parte da população. Tal riqueza, concebida sob mão de obra escrava, deixou diversas marcas na arquitetura, cultura e sociedade. As diferenças entre os que detinham a riqueza e o outro lado, em diferentes escalas, influenciou modos e valores que perduraram por muito tempo, em conflito com outros que advinham das mudanças.

O título do artigo expressa o conteúdo desta reflexão, qual seja, memórias que se processam a partir de uma roupa que pertenceu ou pertence à depoente cujo uso no passado em uma ou mais ocasiões foi marcante. Ao solicitar que busquem evidenciar o vestuário que usavam na década de 1980, a entrevista motivou que essas mulheres, hoje com idade entre 50 e 60 anos, voltassem a pensar em si como jovens em um tempo que talvez não lhes fosse tão apreensível nas mudanças que estavam ocorrendo. Os anos de transição que o Brasil estava vivendo ofereceram, paulatinamente, aberturas que o regime conservador e ditador da década de 1970 havia negado ou diminuído. E isso é mais evidente em cidades que, por muitos motivos, mantinham-se mais distantes de tais mudanças ou as recebiam mais lentamente.

O recorte, no qual se apresenta o estudo, decorre de uma discussão de dados gerados em cinco das entrevistas feitas na pesquisa. Quanto às entrevistas, tanto a seleção das entrevistadas como a construção dos roteiros individuais partiram dos resultados obtidos de um formulário previamente preenchido pelas depoentes. Vale ressaltar que a seleção das entrevistadas foi realizada em função do problema da pesquisa. No entanto, a releitura dos resultados obtidos apontou outras questões que balizaram novos aspectos a serem observados.

Primeiramente, havia a motivação de que as entrevistadas fossem aquelas

depoentes que haviam guardado alguma peça de vestuário remanescente do seu guarda-roupa usado na década de 1980. Apenas cinco se apresentaram com essa premissa atendida. Das entrevistas, surgiu uma questão já intuída na pesquisa original, ainda que não desenvolvida porque estava fora do que se buscava no problema da pesquisa.

A questão que ora se desenvolve quando da releitura dos depoimentos é, precisamente, o sentido da guarda como expressão do indivíduo para o desejo de vir a lembrar ou, de modo mais específico, de não vir a esquecer. A eleição da roupa guardada poderia, supomos ser a materialidade ou um ponto de acesso ao tempo findo, fixado em uma síntese que tanto representa o corpo de outrora como os fatos que a pessoa viveu e desejou, por sua vontade, reter na memória. É a roupa como síntese memorial de um tempo de mudanças, discretas sob muitos aspectos, os quais se busca identificar nos depoimentos obtidos.

Categorias de análise

A partir da análise de conteúdo (AC), pelo viés de Laurence Bardin (2004) que a define como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2004, p. 38), trabalhamos com as etapas indicadas pela autora: pré-análise, codificação e categorização. Portanto, após a organização das entrevistas transcritas, abarcada pela primeira etapa de AC, partimos para a codificação, optando por escolher a análise **temática** de forma ampla, sendo: o vestuário e suas articulações.

Foram gerados 6 códigos, sendo eles: *status/cultural/comportamento/consumo*; elementos específicos do vestuário; acontecimento marcante/*afetividade/sentimentalismo*; quem usou/quando usou/como usou; vontade de guardar; e mandar fazer. Em um novo reagrupamento, organizado por meio da frequência dos códigos, e

A considerar como principal critério de categorização, o *semântico*, que é o agrupamento de significado, quando a mesma ideia está sendo expressa naquele trecho transcrito, levando em consideração a característica de *similaridade*. Assim como, outro padrão a ser seguido é o de *exclusão mútua*, e esse padrão está relacionado aos trechos que podem se encaixar em mais de um código, o que ocorreu no processo de codificação, pois como dito acima, foram 120 trechos selecionados e o somatório da frequência, há um total de 166 trechos, e o agrupamento dos códigos gerando categorias únicas. (Silveira, 2022, p. 114, grifos no original).

Através desse processo, foram geradas 3 categorias de análise, sendo elas: aspectos culturais e comportamentais, materialidade e aspectos simbólicos. Basicamente, a primeira categoria envolve as questões referentes ao vestuário como um fenômeno social

(Hollander, 1996), a segunda aborda o vestuário como objeto de estudo produzido e consumido pelo sujeito a partir de aspectos materiais (Benarush, 2012), e a última engloba questões referentes ao valor afetivo do vestuário em questão.

As análises das entrevistas

Neste momento, apresentaremos algumas reflexões resultantes da pesquisa que confere o uso das categorias desenvolvidas sob AC. As exposições serão realizadas por meio da utilização dos principais trechos codificados nas transcrições das entrevistas das cinco depoentes. Iniciando pela categoria aspectos culturais e comportamentais que aborda a questão das memórias compartilhadas por um grupo com características de vivência semelhantes. Em tal grupo, observamos como foram as experiências culturais e comportamentais das entrevistadas durante os recortes estabelecidos.

Amparados pelos relatos, observamos gradualmente as formas de sociabilidade da época por intermédio do vestir e a relevância existente no vestuário com relação à posição social, ao comportamento, ao consumo, ao lazer, à cultura da sociedade local, bem como outros aspectos que indicavam mudanças naquela sociedade. A Entrevistada 1¹ cita, como exemplo, que residiu em determinado período do início da juventude na cidade de Rio Grande, vizinha a Pelotas, e comentou que na época, para viajar a Pelotas, usava-se uma roupa especial, pois ia-se para passear e aproveitar os dias das férias de verão, logo, garante que:

Sempre teve aquela questão de que Pelotas é uma cidade onde as pessoas se vestem e se arrumam de um jeito diferente, aquela questão cultural lá dos franceses, que os filhos dos pelotenses estudavam fora do país, então tinha aquela coisa que as pessoas aí se vestiam melhor, então nós tínhamos sempre a roupinha diferenciada para atravessar a ponte Rio Grande-Pelotas, o sapatinho diferenciado, aquela coisa assim. (Entrevistada 1, 2021).

O relato nos remete a considerar como as práticas de vestir estão inseridas no cotidiano das pessoas com diferentes significados. Nas palavras da Entrevistada 1, percebemos a distinção que se fazia entre as duas cidades cujo limite era demarcado fisicamente pela fronteira que se evidenciava ao atravessar a ponte. A preocupação em como estaria vestida para visitar a cidade vizinha reforça o que Volpi (2014) explana quando apresenta a relação do vestuário e a construção dos signos urbanos. Portanto, há de considerarmos a articulação existente entre a sociedade vestida e o espaço urbano, dois aspectos que expressam formas de “estretar a relação entre a cidade e a moda”

¹ Conforme garantido ao grupo de entrevistadas durante a pesquisa, não há identificação nominal nos relatos, logo, enumera-se.

(Volpi, 2014, p. 72). Isso traduz, em alguma medida, a conexão existente entre o ato de vestir e a construção social. Roche (2007) corrobora com tal ideia ao dizer que, “a lógica da roupa oferece uma maneira de compreender e um meio de estudar as transformações sociais que ocorrem nos aglomerados urbanos” (Roche, 2007, p. 20).

A distinção dos modos de vestir apresentada pela Entrevistada 1, referente a questões culturais e às particularidades que determinado estrato da população mantinha sobre a cidade de Pelotas, pareceu-nos expressar o reconhecimento de que a outra cidade era mais urbana, no sentido de mais regrada ou exigente quanto aos modos de se apresentar. Também, isso faz considerar que a diferenciação de vestuário, do que pode ou deve ser usado em determinado lugar ou situação, é um fato do consumo. O sujeito, reconhecendo a diferença, sente a necessidade de obter uma peça de vestuário para a ocasião. Assim dizem Monteleone (2019) e Nery (2020) sobre as questões que envolvem o consumo. Dentre essas, estão as que englobam aspectos relacionados ao pertencimento a determinado grupo social (Monteleone, 2019; Nery, 2020). Tal qual outros bens consumidos, nessa situação, a roupa utilizada mostra a posição do sujeito (Nery, 2020). Portanto, a “roupinha diferenciada”, nas palavras da Entrevistada 1, foi ferramenta utilizada para que ela se sentisse fazendo parte daquele meio, disfarçando ou adequando o fato de que vinha de uma cidade menos urbana.

Na mesma medida, o *jeans*, associado a uma marca, foi apresentado como objeto indicador de um estilo que levava em conta a ostentação. Ele esteve presente nas recordações da Entrevistada 4 a partir do seguinte relato: “[...] calça Pierre Cardin eu ganhei quando eu vim pra cá gente, eu usava aquela calça, era um *jeans*, um corte perfeito, ainda tem, Pierre Cardin, o meu melhor *jeans*, o meu primeiro *jeans* caro da vida, bah, usava assim, poupava pra não gastar” (Entrevistada 4, 2021). Ela conta que veio morar em Pelotas no início da juventude, vinda de outra cidade do interior do estado. Suas lembranças sobre o vestuário da época exemplificam a relação entre o poder aquisitivo e o consumo em massa de *jeans*² nesse período.

No que se refere aos objetos de desejo, a Entrevistada 3 expõe:

Eu me lembro de uma marca de calçado chamada Pop Francesinha, que era como se fosse hoje o correspondente a Melissa, que ela era assim um hit, né, um sucesso [...] O Pop Francesinha era como se fosse a coleção de calçados daquela década, e os modelos eles haviam diferenças nos saltos, que dava valor monetário maior ou menor para eles, né [...] eu era uma pessoa de classe pobre, mas eu tinha um sonho da Pop Francesinha, e aí a minha família, ela não me dava tudo, claro, porque sabiam quanto ganhavam e quanto gastavam, mas a Pop Francesinha podia ser, por

² “A década de 1980 foi decisiva para a popularização do jeans em todo o mundo. A peça deixou ser de uso jovem e informal e invadiu as passarelas e ruas. Foi mais uma vez símbolo de inovação quando passou a ser adotado yuppies, jovens executivos americanos, que usavam jeans com blazers nas empresas. Na época, também foi moda entre as mulheres usar jeans com blusas de paetês unindo o casual e o social” (Santarelli, 2014, p. 6), o status do vestuário ao ser apresentado numa passarela de moda é totalmente resignificado, tornando-se inspiracional às demais marcas e objeto de desejo do público-alvo.

exemplo, meu presente de Natal, que era uma coisa muito importante, então ela era um objeto de desejo como hoje muitas mulheres tem [...] e ela, ela fazia assim, o pareamento das pessoas, quem estava na mesma turma usava o mesmo calçado, né. (Entrevistada 3, 2021).

A lembrança da Entrevistada 3 alerta sobre o papel da roupa na apresentação do sujeito e como tal papel cumpre a função de motivar o fluxo de consumo do vestuário (Crane, 2006). Adrian Forty (2013), em seus estudos sobre objetos de desejo, reflete sobre o capitalismo, em que o objetivo final da produção é a sua conversão em venda. O vestuário é capaz de fazer o que a Entrevistada 3 denomina de “pareamento das pessoas” que pode ser entendido como uma estratégia para incluir-se em um grupo social por meio do uso de determinados vestuários. Isso é o que Douglas e Isherwood (2004) sustentam como a forma que o uso dos bens por meio das práticas de consumo classifica pessoas e eventos e, também, acabam definindo o bem adquirido pelo consumo como um instrumento de sustentação da posição social.

Observando as narrativas apresentadas, ao refletir sobre os aspectos econômicos e a posição que o sujeito ocupa ou pretende ocupar na sociedade, entendemos que consumir bens de marca é um fator que está entrelaçado aos aspectos elencados por Roche (2007). Ele afirma que “a história da roupa nos diz muito acerca das civilizações; ela revela seus códigos” (Roche, 2007, p. 21). Assim, os dois depoimentos citados acima, sobre a calça Pierre Cardin e o calçado Pop Francesinha, trazem à luz essas conexões. A Entrevistada 1 discorre a respeito do vestuário que utilizava em festividades noturnas relacionando as marcas de vestuário ao *status* social. “Me marcou muito, tu usava a minissaia godê colorida ou tu usava uma Wrangler, a marca Wrangler era uma marca chique” (Entrevistada 1, 2021). Tal como a Levi Strauss & Co., a Wrangler era uma marca dos Estados Unidos que possuía a etiqueta com seu nome na parte de trás da calça: “A marca chegou ao Brasil em 1980 e teve uma expansão mundial em 1986. Sendo este jeans também um objeto de desejo a ser consumido entre os jovens e usado para eventos culturais como as festas noturnas” (Silveira, 2022, p. 118). O exemplo reitera a ideia de Forty (2013), apresentada acima, sobre as estratégias de valoração de objetos de consumo como meio de aumentar a lucratividade das vendas.

Outro aspecto a ser considerado em relação à posição social era a possibilidade de mandar fazer as roupas, o que equivalia a poder confeccionar uma peça de vestuário exclusiva. Para que o recurso funcionasse no sentido de diferenciar a usuária da peça, era necessário investir mais porque o custo de uma costureira especializada era maior do que o valor a pagar por uma roupa industrializada. Vê-se como a Entrevistada 2 destaca o fato de que para casamentos: “tudo era mandado fazer na costureira [...] a minha mãe era de Porto Alegre, então a Casa das Sedas era uma referência em Porto Alegre para comprar tecidos” (Entrevistada 2, 2021). Ainda que existissem lojas mais procuradas para a compra de determinados tipos de tecido, como os de festa, considerados mais nobres – cetins, tafetás, chiffons, sedas, rendas, entre outros –, havia também as

costureiras mais conhecidas nesse meio, as que eram procuradas para desenvolver um modelo de roupa mais sofisticado. A Entrevistada 4 comenta sobre o seu vestido de noiva, que foi mandado fazer e só ela usou. Sobre a confecção, ressalta que “foi uma costureira que fez, que morava no meu prédio. Ela até já morreu. E ela era uma senhora até da alta sociedade pelotense. Então ela costurava tudo e ela era muito minha amiga e ela me disse: eu vou fazer o teu vestido” (Entrevistada 4, 2021).

A Entrevistada 3 também relatou sobre confeccionar as roupas como sendo uma tradição da sua família, graças à sua avó. Unia-se, assim, a exclusividade às tradições familiares, o que, de algum modo, acrescentava valor ao vestuário:

A minha tia um dia disse assim ‘esse ano eu vou te dar [de aniversário] o feitiço de um casaco, só precisa comprar a lã’. Tá bem, como eu só ia gastar com a lã, não ia pagar a tricoteira, eu comprei uma lã Pierre Cardin, a lã Pierre Cardin daquela época vinha com uma etiqueta pra ti botar no casaco, eu ainda tenho e ainda uso. (Entrevistada 3, 2021).

O uso da etiqueta, igualmente às calças *jeans* da época, deixava aparente a marca da roupa usada. Comprando a matéria-prima, no caso a lã, a marca que a produziu era divulgada sem custo algum de produção, como marketing gratuito realizado pelo consumidor que se satisfazia em exibir-se usando determinada marca na etiqueta. No relato, ela ainda compartilha que a avó e a mãe iam até Rio Branco,³ onde tinham o costume de comprar tecido para fazer as roupas do cotidiano e outros artigos, como roupas de cama.

Segundo resultados da pesquisa da qual se origina esta reflexão, há intrínsecas relações entre o consumo, as formas de consumir e, também, o que influencia o consumidor a adquirir novas peças de vestuário, seja por necessidade ou apenas por desejo. E nesse jogo de relações, fatores que pertencem à cultura da sociedade local e do período tornam-se evidentes. Dentre esses fatores, podemos dizer que o ato de mandar fazer as próprias roupas, em um período no qual a indústria do vestuário já estava consolidada, abrange, no mínimo, três fatores: culturais, econômicos e sociais. Ser o autor de suas próprias roupas, não no sentido de fazê-las, mas de mandar fazê-las, tanto ratifica o poder aquisitivo como também o de pertencimento a determinado grupo social que o tem. Há de observarmos que na década em estudo, o ofício da costureira e do alfaiate da alta costura estava relacionado a uma herança local que reconhecia nesse tipo de trabalho uma distinção social.

A década de 1980 foi marcada por diversos aspectos importantes para o cenário da moda. As telenovelas, como um gênero de entretenimento de amplo impacto, geraram referências de consumo (Bonadio; Guimarães, 2019), como se evidencia no depoimento da Entrevistada 3:

³ Cidade do Uruguai, fronteira com Jaguarão e cerca de Pelotas, na qual há um centro comercial “*free shop*”.

Eu até tenho o almanaque dos anos 80, e de vez em quando eu dou uma olhada nele. Eu não me lembro com rapidez, mas dessas duas coisas que eu te falei sobre a moda [calçado Pop Francesinha e vestido aflanelado], especificamente esse caso, do lurex eu me lembro muito, né. A novela *Dancin' Days* é dessa década, e aí o *Dancin' Days* ditou toda a moda. Moda de sandálias com meias de lurex, né, as calças bombacha que eram largas e Saint Tropez, caídas na cintura, tudo isso é o que me vem à mente. (Entrevistada 3, 2021).

O almanaque da década de 1980 é uma das ferramentas utilizadas por ela como suporte memorial, bem como a novela citada, televisionada no final da década de 1970. Alguns fatores permeiam essa confusão temporal, sendo dois eles: a moda característica de um período específico que acaba sendo mantida por mais tempo, sobretudo em cidades mais afastadas dos grandes centros urbanos e o fato de que as novelas eram programas televisivos reprisados um tempo após concluírem o total dos seus capítulos. Desse modo, atravessavam as décadas. Em particular, a novela citada pela Entrevistada 3 lançou vários elementos de moda que se difundiram muito na década de 1980.

Ainda sobre a influência das telenovelas, vale citar Roque Santeiro, maior audiência da época (Silveira, 2022). O programa tinha em seu enredo uma personagem com figurino caricato da moda da década, chamada Viúva Porcina. Também com nome caricato, acabou por criar o “Porcina’s look” (Bonadio; Guimarães, 2019), definido pela vestimenta marcante e exagerada, que incluía elementos complementares ao visual. Assim, os cabelos e a maquiagem foram aproveitados para compor o *look* característico, por meio do exagero no volume e das cores vibrantes. Tanto a televisão como o cinema marcaram influências diretas nos modos de apresentação que continham esses elementos. A Entrevistada 4 rememora o período supondo que uma decisão sua tenha sido tomada por influência dos filmes estrangeiros que estavam na moda naqueles anos:

Eu tinha meu cabelo lisinho, sempre foi. Claro, hoje eu pinto. Mas era escorridinho, sem nenhuma química, nada, maravilhoso. Inventei de fazer permanente [cacheado] por causa da influência americana. Sei lá o que era aquilo. Agora fiquei pensando que era o tempo da brilhantina, uma coisa assim que ela tinha os cabelos crespos. (Entrevistada 4, 2021).

A referência à novela citada e aos filmes estrangeiros, sucessos de público no Brasil durante esse período, são exemplos elucidativos do que Bonadio e Guimarães (2019) apontam na construção da personagem Viúva Porcina. Também ela sintetizava a influência internacional. Os cabelos volumosos e crespos, decorados com laços, refletiam a mescla dos *looks* da cantora Madonna, que naquele momento captava intensamente a atenção na mídia da maior parte do ocidente.

Mais um aspecto de referência do vestuário da década foram as ombreiras na roupa feminina. Essa moda é destacada no comentário realizado pela Entrevistada 5

quanto às ocasiões em que gostava de utilizá-las, “usava ombreira nos casaquinhos sociais, mais no dia a dia ou quando queria ir num aniversário com uma roupa mais bonitinha, mais arrumadinha. Já os conjuntinhos eram pra um casamento, pros quinze anos, uma coisa mais formal” (Entrevistada 5, 2021). Além do uso das ombreiras, a Entrevistada 4 também comenta: “eu lembro das ombreiras. Coisa feia gente, usar aquelas ombreiras. Bah, mas a gente ficava o máximo” (Entrevistada 4, 2021). A crítica à moda do passado também expressa um significado de mudança que evidencia a superação de determinado gosto em decorrência do surgimento de outras propostas de estilo no mercado de consumo.

Esse elemento foi característico da época, tanto que também é lembrado pela Entrevistada 2, as “ombreiras eram totalmente década de 80. Eu casei em 85 e as coisas eram todas de ombreiras. As roupas eram bem assim, tudo era grande, babado, ombreiras, gola, tudo era exagerado” (Entrevistada 2, 2021). Sobretudo, as roupas de festas eram extravagantes. Conforme estudos de Schmitt e Sanchez (2019), as ombreiras fizeram parte do *power dressing*, conhecido como um dos principais movimentos da década, no qual o volume e a aparência estruturada atribuíam ao vestuário feminino uma sensação de poder, ainda mais quando eram usadas nos locais de trabalho.

Quando se conversa sobre os modos de vestir e as modas passadas, percebe-se que as roupas são apresentadas como figuras de mudanças de comportamento, em curso ou anunciadas. Um exemplo é o relato da Entrevistada 4 quando descreveu um acontecimento da sua vida privada, no qual um fato motivado por uma peça de roupa foi usado para justificar a mudança determinante que se passaria na sua vida:

Não me visto com roupa de senhora, até acho que lá atrás eu me vestia mais assenhorada que hoje... e eu me lembro, quando eu era casada... aproveitar que meu filho saiu... eu era casada e uma amiga minha... isso foi lá pelos anos 90... ela fechou uma boutique, naquele tempo era boutique. E aí era umas calças rasgadas que hoje em dia todo mundo usa, artistas de televisão, e ela me mandou umas calças para eu experimentar, né. E aí eu tava me sentindo maravilhosa, ele [o marido] olhou pra mim e disse ‘tu não vai usar essas calças’, e aí eu nunca vou esquecer daquilo ali, pesou porque eu fiquei, fiquei olhando aquele monte de calça rasgada que amava e ele tinha dito que eu nunca podia usar e eu digo ‘gente, eu olhei, eu nunca vou usar poder usar essas calças’, então tu vê que uma calça também pesou para eu querer me separar, claro, não era o motivo, mas não poder fazer alguma coisa, era uma coisa que eu levava a não querer mais estar naquela situação, porque eu queria ser livre, queria fazer o que eu quisesse, eu queria ser livre, entendeu? Pra usar o que eu quisesse. (Entrevistada 4, 2021).

O relato da Entrevistada 4 aponta mudanças de comportamento que estavam se operando. Sobre isso, há de considerarmos que, no Brasil, a Lei do Divórcio só foi sancionada em dezembro de 1977 e sob arraigada oposição da Igreja Católica e de

grupos fortemente conservadores. Embora a demanda social fosse antiga, a aceitação do direito a um novo casamento, já que esse era o aspecto crucial a ser modificado pela Lei, levaria anos para que preconceitos enraizados começassem a se diluir.

A Entrevistada 4 divorciou-se quando os benefícios da Lei já estavam sendo naturalizados e, ao associar a roupa ao sentimento de opressão que tinha em relação ao marido, atribuiu ao vestuário um valor de liberdade – ou transgressão – que o vínculo matrimonial lhe obliterava. Logo, essa composição simbólica entre autoimagem e vestuário também traduz a potencial projeção de alguém diante de um espelho e vem a traduzir a liberdade em ser uma escolha própria de si mesma, expressada no modo de vestir ou pelo que é vestido. Evidente que a moda não é uma escolha, já que a sua oferta ocorre sob muitas condições alheias aos sujeitos consumidores. E, supostamente, nem própria, já que só se opera sob determinados condicionadores sociais. Ainda assim, no caso memorial em questão, a escolha da sua roupa sintetizou, para a Entrevistada 4, o conflito que o casamento lhe impunha.

Quanto à segunda categoria, a materialidade, observamos que esteve presente em diversos momentos de todas as entrevistas. O vestuário é visual, tátil e sensorial; apresenta potencial para construir a imagem do sujeito perante o grupo ao qual pertence ou não. O vestuário costuma intermediar as primeiras impressões entre as pessoas. É frequente que se perceba o outro, de imediato, por suas vestes. Portanto, era esperado que a materialidade estivesse em evidência em algum momento das entrevistas. A começar pelo relato da Entrevistada 4:

Eu me lembro de uma jaqueta de nylon vermelha que eu vim pro Assis Brasil [escola] e era todo mundo de uniforme azul marinho e eu apareci com aquela jaqueta vermelha chamando atenção assim, aluna nova, jaqueta vermelha, nunca vou esquecer disso [...] eles usavam uniforme azul marinho, nunca vou esquecer, eu cheguei de moletom, era uma, era um casaco de nylon vermelho gente, o colégio inteiro me olhando, aluna nova do interior de vermelho, foi marcante demais, demais. (Entrevistada 4, 2021).

A informação compartilhada demonstra a potencialidade existente nas características físicas do vestuário como um marcador na memória. Mesmo passado muito tempo, o fato é que a jaqueta vermelha ficou marcada na memória da Entrevistada 4. A partir desse relato também podemos perceber questões relacionadas à matéria-prima em evidência na década, o nylon.

Aqui fica notório, também, como as três categorias de análise se entrelaçam, pois, ainda que a materialidade do vestuário esteja em primeiro plano no relato, observamos como o sujeito sente o estranhamento ao chegar em um lugar desconhecido. A cor da roupa, casualmente um marcador de atenção muito usado na sociedade ocidental, também é, para a Entrevistada 4, o elemento dissonante que a distingue do resto do grupo. Pode ser que tenha ela sido percebida por muitos, mas o sentimento superlativo

de que todos a olharam pode traduzir melhor a sua visão do fato passado do que a situação que realmente aconteceu. Assim, não estar com o uniforme da escola a tornou uma estranha a si mesma.

Outra questão que veio à tona em um dos relatos refere-se à materialidade, agora, de uma perspectiva da qualidade da peça:

Na Incosul era uma saíinha tipo escolar, na época saía justa, como a gente dizia, um macho na frente [prega], era aquela prega mas era nível do joelho, mas a gente dava um jeitinho de trazer a bainha, subi um pouquinho, era uma saíinha verde meio oliva e a blusa era de malha, era tudo de malha, aquela que sua e pega mau cheiro, a blusa era de malha bege. [...] Na Cambial, era uma loja mais chique, a Cambial era uma loja que vendia apenas TV, na época 3 em 1, e os primeiros videocassetes [...] lá era um *tailleur* cinza grafite, mas era uma saíinha bem justa ao corpo e ela era bem comprida então ficava bonito [...] tipo saíinha 4 panos, abertinha atrás, mas ela era bem comprida na frente e tinha um *casquinho* muito chique aberto na diagonal, assim a frente era na diagonal, a abertura com um *botãozinho*, então te deixava bem elegante [...] e tu via que era um tecido de alta qualidade, porque tu tava recebendo o teu cliente e o teu cliente tinha que te ver bem vestido, bem arrumado. (Entrevistada 1, 2021).

Aspectos referentes à qualidade de ambos os produtos mencionados ficaram na lembrança da Entrevistada 1, tornando possível até mesmo a realização do comparativo feito por ela sobre quais eram suas preferências. A segunda loja também indica como o uso do uniforme era uma ferramenta de boa recepção ao cliente, tornando-a o mais agradável possível para seu público-alvo.

A qualidade desse segundo uniforme ficou comprovada de acordo com o restante do relato da Entrevistada 1, no qual informa que a blusa está com sua mãe e em uso: “a blusa de baixo era uma blusa regatinha cor de laranja de linha, essas linhas feitas em malharia [...] a minha mãe ainda tem a blusa cor de laranja, ela guardou lá a tal blusa cor de laranja [...] porque o tecido é muito bom e ela usa em casa e essa porcaria não estraga” (Entrevistada 1, 2021).

Determinados acontecimentos marcam mais do que outros. Ainda no que se refere à primeira entrevista, durante a gestação da Entrevistada 1, ela comenta sobre um calçado específico que ficou marcado na memória devido ao conforto,

O tênis Fila eu usei por muito tempo porque ele era confortável, e é confortável. Depois disso a minha filha usou ele por um bom tempo, e ele tá aqui, meu pé não cresce, ele é uma *camurça* marrom e tem bordado em marrom também. E é aquele tipo de coisa que bota no pé e sai usando porque não tem cara de antigo entendeu. (Entrevistada 1, 2021).

Notamos que a marca do tênis é lembrada e, nesse caso, além da característica do

conforto é a informação que vem a agregar sobre o tênis junto à cor, tipo de material confeccionado e que o tênis ainda está em uso. Do mesmo modo, a Entrevistada 5 também trouxe à tona a visualidade das meias coloridas quando questionada sobre as roupas usadas em passeios, disse ela que ia “de calça, de blusinha, de sandalhinha. Tinha as melissinhas, tinha as meias coloridas listradas que a gente colocava nesse tempo” (Entrevistada 5, 2021), elementos esteticamente característicos do vestuário da época.

Apesar dos relatos em determinados momentos se cruzarem, cabendo assim, serem analisados em mais de uma categoria, foi possível identificar a essencialidade da materialidade quando o objeto de estudo é o vestuário. A partir de evidências nas quais o detalhamento do vestuário e a sua qualidade eram a parte essencial a ser lembrada, destacam-se os elementos que fizeram a diferença para a memória como: cor, modelagem, silhueta, volume, tecido e marca.

A terceira categoria de análise, os aspectos simbólicos, destaca o vínculo do vestuário com a afetividade e com algum acontecimento marcante. Assim, preservar o vestuário que não mais é usado pode cumprir com a finalidade de manter ativa determinada memória, cujo suporte se encontra na materialidade do objeto. Portanto, nessa categoria, podemos perceber as ligações existentes entre o material e o imaterial, e o simbolismo do vestuário como suporte de memória.

Ao observar algumas informações fornecidas pela Entrevistada 3 referente à sua roupa de formatura, guardada desde 1986, começamos a perceber o desejo de conservar que a pessoa demonstra pelo significado da roupa que guardou. O conjunto está guardado de forma acessível, tanto que ao final da entrevista foi possível conhecer a roupa e fotografá-la. A Entrevistada conta que:

Ela [a roupa] é um tecido com caimento pesado, eu nunca gostei de muito volume, gostei da coisa com mais fluidez mas que fosse mais pesado, e ela foi um sucesso na época porque todo mundo tinha aquela coisa da roupa que tava em voga naquela época, e eu comprei, eu não tive uma festa oficial de formatura nem um baile, nós íamos no baile dos outros, que a medicina se formava geralmente no mesmo dia que nós. Então ele tinha uma cor que é uma cor de vinho assim não tão escuro e o estampado dele era com dourado fosco, e ele lembrava uma coisa étnica indiana. A saia ela era um quase um godê poncho com abotoamento lateral, e a blusa era um sucesso porque ela era de um ombro só, o outro lado ele existia o ombro só que ele era um chamalote, uma amarração, e eu usei essa roupa mais vezes até que eu comecei a ganhar mais peso e mais medidas e não foi mais possível, e depois a última vez que eu usei, foi só a saia. Porque aí ela foi transformada numa saia envelope, porque a saia godê poncho ela tem muito tecido né, mas aí a envelope a gente aproveitou. Hoje não me serve mais, ela não me fecha, a não ser que eu troque o botão de lugar, e a blusa já não me serve mais porque há muito tempo eu já estou na menopausa e aí o meu volume do tórax aumentou bastante. [...] E aí assim, eu guardo, eu não sou de guardar, eu sempre, eu quero ter só o que eu

uso, usar menos, consumir menos, mas ela tem um valor afetivo. (Entrevistada 3, 2021).

O relato apresenta a conexão das memórias e dos acontecimentos marcantes com o vestuário e, conseqüentemente, gera a vontade de preservar. Sobre isso, John Flugel já dizia que “muitas roupas não têm apenas um valor exibicionista simples; seu valor é aumentado pelo fato de que elas possuem, para o inconsciente, uma significação simbólica” (Flugel, 2008 [1929], p. 3). Estudos realizados por Ivan Izquierdo (1989) concluíram que há tipos de memórias. Quando uma memória está diretamente ligada a um acontecimento, é denominada memória declarativa. Fazendo uso do mesmo termo cunhado pelo autor, podemos dizer que essas roupas operam sobre a memória declarativa porque sinalizam a lembrança de momentos marcantes.

Referente às alterações realizadas na peça original, Benarush (2012) esclarece que partem do desejo de preservar, de evitar o descarte.

Quando a bainha de uma roupa é alterada ou uma manga é cortada, é possível inferir um desejo da usuária de atualizar a silhueta da roupa. Mesmo a mais simples modificação sinaliza um desejo de reaproveitamento, resultando em um prolongamento da vida do artefato, evitando, assim, seu descarte. Até mesmo uma roupa que – por não servir mais, ou por não agradar esteticamente – é desfeita completamente, cedendo sua matéria-prima para outra peça. (Benarush, 2012, p. 115).

O episódio que a Entrevistada 3 relata, de estar na terceira alteração da saia, induz que se leia o fato como um desejo inferido de prolongar a vida do objeto, tal como explicado pela autora. Cabe ressaltar, essa foi a única entrevista realizada presencialmente, porque se deu em um momento no qual já eram possíveis os encontros, ainda que permeados por todos os cuidados necessários para evitar o contágio da covid-19. Notamos a diferença de interação dessa para as demais entrevistas realizadas virtualmente. Nesse caso, quando finalizada, foi possível visualizar as peças do conjunto de formatura. A Entrevistada 3 experimentou a saia e, comprovando que ainda lhe servia, afirmou que a seguiria usando sempre que houvesse oportunidade.

Das cinco entrevistas realizadas, essa particularidade não é exclusividade da Entrevistada 3, pois assim como já foi dito sobre o uso do tênis e da blusa anteriormente, a Entrevistada 1 também comenta sobre outro item de seu guarda-roupa que segue sendo usado desde a década de 1980: uma jaqueta jeans. A Entrevistada 1 explica: “ela me agrada, entendeu? Ela sai de moda, ela entra na moda, não sei, mas eu sou feliz com ela” (Entrevistada 1, 2021). Aqui não está mais em pauta se a roupa está ou não na moda, mas sim, importa uma outra relação que a pessoa estabelece com a roupa.

A mesma Entrevistada 1 voltou a comentar sobre a saia Wrangler, expondo que depois de muito ter usado guardou para sua filha: “a saia Wrangler guardei até a minha

filha ter mais ou menos 10 anos, aí depois ela usou e quando ela não quis mais eu repassei” (Entrevistada 1, 2021). Ainda que, no caso da saia, a filha tenha usado por um período e depois tenha passado adiante, a Entrevistada 1 comenta ser uma “pena a gente não ter roupeiro suficiente para guardar” (Entrevistada 1, 2021).

Em continuidade às roupas que estão guardadas atualmente, a Entrevistada 3 comentou sobre um casaquinho de crochê que ela guarda com a esperança de poder usá-lo mais uma vez,

Hoje eu tenho uma roupa de caráter afetivo grande, e falta pouco para eu me desfazer dela, que é um casaquinho de crochê, não é desta década, é mais recente, só que pela lavagem ele já tá mais apertado, e eu tenho uma amiga que é louca por ele, então eu tô quase dando pra ela, mas eu sempre tenho a esperança de que eu vou usar mais uma vez o casaquinho mesmo sem fechar, mesmo com a manga apertada. (Entrevistada 3, 2021).

Mediante ao relato compartilhado, percebemos o que Benarush expõe sobre a relação do valor intrínseco e do valor simbólico do vestuário, “a prática de doar roupas para os menos favorecidos ou para outros membros da família, por exemplo, é indicativa do valor intrínseco que se dá ao material têxtil; entretanto, quando guardamos roupas antigas, estamos apegados ao seu valor simbólico” (Benarush, 2012, p. 115).

A Entrevistada 4 relata sobre os vestidos que ela usou e estão guardados até o presente momento, como o vestido da primeira comunhão guardado há 44 anos. Notamos também, que, por mais que as perguntas e a conversa sejam baseadas na década de 1980, há um ir e vir no tempo passado por meio do exercício mnemônico, e por vontade de compartilhar informações referentes ao que foi vivido.

Esses dias achei meu vestido de primeira comunhão, vestidinho, tinha 12 anos, e ele tá aqui [...] pois é, é curioso eu ter guardado esse vestido, tem quantos anos? Eu vou fazer 56 e faz poucos dias que eu vi ele, arrumando alguma coisa encontrei ele ‘olha meu vestido da primeira comunhão’, 56 menos 12, olha quanto tempo tinha esse vestido e tá do mesmo jeito [...] tá bem preservado e esse vestido ele é uma relíquia, nem tinha me dado conta de tão relíquia, só eu usei também. (Entrevistada 4, 2021).

Naquele instante da entrevista, ela assume que o vestido é uma relíquia e que ainda não o tinha percebido por essa perspectiva, qual seja, o valor simbólico destacado por Benarush (2012). Conseqüentemente, as lembranças sobre acontecimentos que foram marcantes na sua vida estão diretamente ligadas à memória declarativa (Izquierdo, 1989).

Ainda mantendo essa linha da preservação do vestuário, a Entrevistada 5 contou ter guardado uma saia por estar ligada a bons momentos: “a saia de pregas é a que eu

guardei, porque eu gostava bastante, e eu ia nos bailes, nos eventos, que eu digo os bailes que eu ia, né” (Entrevistada 5, 2021). Em seguida, comentou sobre uma outra forma de suporte material, uma fotografia – posicionada no bidê ao lado da cama –, na qual ela está com uma calça de cintura alta listrada e um top que muito gostava de usar. Mesmo não possuindo mais as peças e lamentando por isso, encontrou na fotografia uma forma de ter perto de si aquelas roupas que tanto participaram de sua juventude.

Sobre não ter guardado outras peças de vestuário e sentir falta disso, ela reflete e diz: “com certeza, principalmente, aquela roupa da foto no bidê, porque me lembram festas e locais bons que eu gostava de ir, aí aquela roupa da foto mesmo, a calça listrada que eu amava, o collant vermelho, eu queria ter guardado, mas não sei que fim dei” (Entrevistada 5, 2021). Andrzejewski fala que, “a partir da roupa ou do acessório, podemos lembrar com precisão momentos importantes que estiveram relacionados a algum momento da nossa história pessoal” (Andrzejewski, 2015, p. 89). Justamente, pode ser o caso desse conjunto que foi passado adiante.

Em virtude da falta de espaço, a Entrevistada 4 explica que: “eu não tenho lugar para guardar coisa antiga, mas me arrependo, acho legal. Do meu filho e da minha filha mesmo, eu não tenho muita coisa deles, de criança quase nada” (Entrevistada 4, 2021). E apesar da entrevista ter sido realizada virtualmente, notamos os gestos e os silêncios para refletir sobre o que está sendo perguntado e respondido, como nesse caso.

Considerações finais

A roupa é um utilitário para o corpo e para a memória. Também o é para os significados dos fatos no presente em que acontecem e no futuro, no qual serão lembrados. Pode ser, igualmente, um gatilho de emoções e sentimentos vividos. Assim o são muitos outros objetos. No entanto, enquanto as entrevistadas prestavam os seus depoimentos em relatos nos quais a personagem central era o vestuário, um cenário de época emergia, consciente ou não, às mulheres que o relatavam. Nem sempre isso acontece com um utilitário de cozinha, um brinquedo e assim por diante. Com as cinco entrevistadas, foi o que aconteceu.

Nem todas as roupas traduziram bons momentos como a jaqueta vermelha que fez a Entrevistada 4 sentir-se observada por toda a escola ou a calça rasgada que não pôde ser comprada pela proibição do marido. A sociedade conservadora, alheia aos constantes movimentos de mudança no país, permanecia controlando as mulheres pela vigilância do vestuário. Enquanto isso, os cinemas diversificavam as ofertas com uma cinematografia plena de modas, o *show business* da música pop lançava *clips* com apelo visual das canções e músicos que utilizavam o vestuário para marcar presença e diferença. A televisão colorida, francamente popularizada, espalhava brilho em

programas que aplicavam a cor como um atrativo irrecusável. Os anos de 1980 ousaram nas ondas incertas de uma transição política e social em um país instável. Ainda assim, esperançoso.

A roupa é um utilitário que nos idos anos de 1980 já estava conquistando a obsolescência por temporadas, como revelou o relato da Entrevistada 2 sobre as ombreiras, tão apreciadas em alguns daqueles anos e desprezadas como ridículas no presente. Por outro lado, há alguma transcendência possível, mesmo que não fuja dos valores inicialmente atribuídos, como o caso das roupas que foram mantidas e ainda são usadas. Modificadas em partes e, em algumas situações, mais de uma vez, podem dizer menos do fator econômico do que de certa vontade de ser pouco *prêt-à-porter* e mais costura artesanal.

A materialidade da roupa pode gerar um discurso de conhecimento técnico, como se encontra nas palavras da Entrevistada 3, quando menciona sua roupa de formatura e emprega termos como “caimento pesado”, estampado com padrão “étnico indiano”, “godê poncho”, “chamalote”. O discurso que descreve a roupa também a sintoniza em um tempo de valores que se diluíram, como a possibilidade que a Entrevistada 3 informa ter na atualidade de usar a roupa que não lhe serve mais. Os anos da maturidade alargam as medidas. Ao discurso técnico, soma-se o discurso contemporâneo da sustentabilidade: só guardar o que se usa. Mas a memória, quando é afeto, exige o seu suporte. Portanto, guarda-se a roupa como se guarda um livro. Ela é capaz de contar uma história. Melhor dizendo, dá a sua possuidora a possibilidade do conto.

Embora cada entrevistada refira-se a sua juventude sob determinadas condições que informam ter tido maior ou menor poder aquisitivo, podemos dizer que todas viveram em famílias que detinham algum potencial de compra. E a roupa é um bem de consumo que para quase todas as entrevistadas representava um objeto relacionado ao poder de compra da família.

As entrevistadas pertenciam a um meio social no qual já se valorizava que as mulheres adquirissem uma profissão por meio do estudo superior. Ainda assim, poderiam ou não vir a ser trabalhadoras. E mesmo a roupa da trabalhadora, conforme o local onde trabalhasse, poderia conter muitos significados. É o que se percebe na Entrevistada 1 quando relembra as duas lojas, hoje inexistentes, e os uniformes utilizados pelas funcionárias. Ao trabalhar em ambas, adquiriu as peças que traduziam a loja mais popular e a mais “chique”.

Dessa forma, com base na análise desenvolvida, na discussão dos resultados descritos acima, nas evidências compartilhadas, é essencial salientar que constatamos, mais uma vez, a relevância dos estudos que conectam o vestuário, a memória e a cultura material. Por meio dos estudos aqui apresentados, tornou-se possível descobrir sobre as sociedades, as épocas, os vestígios do tempo, os costumes, as histórias, as culturas, os modos de viver, as formas de consumir etc. Com as entrevistas realizadas, conexões foram sendo criadas ao longo da jornada de pesquisa. Ainda que não houvesse ligação

direta entre as participantes, as falas complementavam-se ao discorrer sobre o assunto em questão.

Em razão do apresentado acima, referente aos aspectos culturais e comportamentais, os relatos das entrevistadas indicaram o potencial do vestuário solicitado como um vetor memorial para descrever aspectos de uma cidade em um período de transição política no Brasil. Ao narrar memórias da juventude, as entrevistadas apontaram elementos indicadores de aspirações e valores sociais então vigentes, de influências diretas do sistema de consumo da moda, das permissões dadas ou negadas à adesão a novos gostos e dos apegos que as levaram a guardar determinadas peças de vestuário. De uma narrativa de fatos privados, foi possível vislumbrar a cidade que se apresenta como herdeira de um passado de relativa riqueza e prestígio. Do conjunto de narrativas, foram observados pontos de inflexão que destacam aspectos de um coletivo que participava de mudanças profundas.

Referências

- ANDRZEJEWSKI, Luciana. A moda como despertar da memória. *In*: MERLO, Márcia (Org.). *Memórias e museus*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. p. 89-97.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BENARUSH, Michelle Kauffmann. A memória das roupas. *dObras[s]*, São Paulo, v. 5, n. 12, p. 113-117, 2012.
- BONADIO, Maria Claudia; GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. A moda brasileira e as telenovelas: consumo e visualidade (1978-2001). *In*: SILVA, Camila Borges da; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo (Org.). *A história na moda, a moda na história*. São Paulo: Alameda, 2019. p. 155-180.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm. Acesso em: 22 mar. 2023.
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. Tradução Cristina Coimbra. São Paulo: Senac, 2006.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- FLUGEL, John Carl [1929]. *Sobre o valor afetivo das roupas*. Tradução Izabel Haddad. *Psyché*, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 1-7, 2008.
- FORTY, Adrian. *Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Tradução Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

- IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989.
- MONTELEONE, Joana. Moda, consumo e gênero na corte de D. Pedro II (Rio de Janeiro 1840- 1889). *Revista de História*, São Paulo, n. 178, 2019.
- NERY, Olivia Silva. *Leal, Santos & C. - A história da fábrica através do seu biscoito*: produção, venda, consumo e musealização. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, RS, 2020.
- ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências*: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. Do prático ao lúdico: breve trajeto da publicidade brasileira de Jeanswear. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 4., 2014, São Paulo, 2014. *Anais [...]*. São Paulo: ESPM, 2014.
- SCHMITT, Juliana; SANCHEZ, Gabriel. Gênero e moda: do binarismo à tendência agender. In: SILVA, Camila Borges da; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo (Org.). *A história na moda, a moda na história*. São Paulo: Alameda, 2019. p. 229-246.
- SILVEIRA, Laiana Pereira da. *O vestuário como suporte de recordação*: lembranças da juventude pelotense (1980-1989). Dissertação (Mestrado) – UFPel, Pelotas, RS, 2022. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/8482/1/Laiana_Silveira_Disserta%0c3%0a7%0c3%0a30.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.
- VOLPI, Maria Cristina. As roupas pelo avesso: cultura material e história do vestuário. *dObras*, São Paulo, v. 7, n. 15, p. 70-78, 2014.

Fontes orais

- ENTREVISTADA 1 [54 anos]. [out. 2021]. Entrevistadora: Laiana Pereira da Silveira. Pelotas, RS, 18 out. 2021.
- ENTREVISTADA 2 [60 anos]. [nov. 2021]. Entrevistadora: Laiana Pereira da Silveira. Pelotas, RS, 23 nov. 2021.
- ENTREVISTADA 3 [57 anos]. [nov. 2021]. Entrevistadora: Laiana Pereira da Silveira. Pelotas, RS, 24 nov. 2021.
- ENTREVISTADA 4 [57 anos]. [dez. 2021]. Entrevistadora: Laiana Pereira da Silveira. Pelotas, RS, 6 dez. 2021.
- ENTREVISTADA 5 [60 anos]. [dez. 2021]. Entrevistadora: Laiana Pereira da Silveira. Pelotas, RS, 9 dez. 2021.

Recebido em 28/03/2023

Versão final representada em 05/07/2023

Aprovado em 17/07/2023

Contribuições dos autores: Silveira: concepção da pesquisa, gravação de depoimentos, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental; Michelin: revisão dos dados e redação.

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES (CAPES) – Bolsa.

Conflito de interesses: nada a declarar.